

EUA descartam retrocesso com mudança no BC

Nova Iorque - O secretário do Tesouro dos EUA, Robert Rubin, negou-se ontem em Washington a fazer qualquer comentário sobre a escolha de Armínio Fraga, alto assessor do bilionário e especulador George Soros, para a presidência do Banco Central, mas deixou claro que não considera "retrocesso" a saída do presidente anterior, Francisco Lopes.

Rubin ouviu as perguntas dos jornalistas sobre a mudança no Brasil ao sair da sala onde prestara depoimento perante a comissão de Finanças do Senado dos EUA. "Acho que cabe ao presidente (Fernando Henrique) Cardoso decidir sobre quem ele acha que melhor servirá aos propósitos que tem, quem será melhor para os desafios que devem enfrentar", declarou.

Apesar do ministro brasileiro da Fazenda, Pedro Malan, ter afirmado que Armínio Fraga já não tem qualquer ligação com os negócios de George Soros e que suas idéias não correspondem às do controvertido financista, o escritório de Fraga no Soros Fund Management, em Nova Iorque, continuava ontem em pleno funcionamento.

A secretaria dele disse a este correspondente que Fraga estava naquele momento "no Brasil onde aceitou um convite para assumir a presidência do Banco Central", mas que teria prazer em transmitir ontem mesmo o recado ao chefe.

Em declarações feitas há pouco mais de um mês, durante um seminário do FMI em Washington, Fraga disse existirem moedas demais e excesso de taxa de câmbio no mundo. Também elogiou o sistema "currency board" e sugeriu que talvez seja conveniente alguns países deixarem de ter moedas. Fraga declarou então que o direito de emitir moeda nem sempre ajuda os países.